

Nota editorial

Caleidoscópio do Ano Olímpico

Jorge Bento

1. Da negação à exaltação¹

Ainda há desporto? Sim, embora pouco se fale nele. É difícil vê-lo nas páginas de muitos jornais; e nem com a lupa o vemos nos programas televisivos. Raramente se ouve falar dele nas conversas do quotidiano, marcadas por disputas apaixonadas, distantes da razão desportiva; e o mesmo vai sucedendo no discurso político.

Todavia ainda há desporto e ele fala-nos de elevação e excelência. Nos dias correntes até está em alta; os Jogos Olímpicos estão à porta e a qualificação para eles obtida por um número extraordinário de atletas nossos diz-nos que o desporto resiste e avança contra as vicissitudes das circunstâncias. Por isso mesmo esta é uma ocasião de festa e de dar largas ao orgulho de afirmar e elevar os valores desportivos.

São esses atletas e os ideais e princípios de carácter ético e moral, neles incarnados e simbolizados, que garantem a inigualável e magnetizante força de atracção do desporto. São eles que fazem dos Jogos Olímpicos dias festivos e santificados e conferem ao desporto um estatuto cultural, tornando-o instrumento de enriquecimento do sentido da existência, de melhoria e embelezamento da vida, nestes tempos de horizontes curtos, de portas cerradas ao riso e ao canto e enegrecidos pela dureza das privações, restrições e necessidades.

Sim, são eles que ajudam a manter e irradiar o mito do potencial renovador do desporto nesta conjuntura de mentiras e falsidades, de alienação e adormecimento das vontades, de cerco e inquisição, marginalização e perseguição dos que ousam ter voz e emitir opinião. São os Jogos e os seus e nossos atletas que vêm até nós com as mãos suadas de Deuses. Não são meninos de ouro; mas acumulam-se de sol e distribuem-no

generosamente a todos quantos têm a alma e o coração gelados e feridos pela sombra fria e cortante da amargura, da falta de esperança e de motivos para cantar e dançar.

Tragam ou não ouro, prata ou bronze, os nossos atletas olímpicos são justos e sublimes triunfadores. Eles, os seus treinadores e dirigentes são já campeões do nosso apreço e louvor, da nossa emoção e gratidão. Vamos com eles até Pequim. Não lhes pedimos nada, a não ser que sintam que são parte de nós, que estaremos com eles em todo o tempo e que vivam os Jogos com a máxima alegria e a mais genuína e legítima felicidade. Por favor, riam, cantem e dancem por si e por todos nós!

2. Da ética, da virtude e da excelência²

Devemos ao filósofo Heidegger a proclamação da *'ética do cuidado'* de si e dos outros. Ela intima cada um em particular e o Estado em geral a cumprir a sua parte, no tocante à melhoria da vida pessoal e social. Aquela ética não desculpa ou branqueia, nem – muito menos – consente atitudes e medidas de incúria, desleixo, imoderação, omissão, moleza, acomodação, irresponsabilidade, resignação e acrasia. Ela compromete-nos a não pactuar com actos propícios ao avanço da vileza, do grotesco, desproporcionado e imundo e contrários ao dever de perseguir, com brio e zelo, a busca da melhoria, da virtude, da estética e excelência.

A *'ética do cuidado'* de si e dos outros dá hoje muito que pensar e põe a nu os paradoxos desta hora de fome, de tragédia e miséria físicas e morais. Pouco a pouco vai-se perdendo a ligação com o outro. O Outro apaga-se no nosso olhar; o pouco de erotismo sobranete serve, mal e porcamemente, para manter um

individualismo inútil e destrutivo. Caímos no regime da pulsão de morte, no precipício da regressão, negação e destruição. Como se o projecto humano tivesse fracassado e nos restasse tentar construir, a partir dos escombros, o projeto de outro animal, com um nome que a solidariedade nos dará.

E agora? O exame e avaliação deste tempo são deveras incriminadores; obrigam-nos a colocar questões e a renovar os propósitos e caminhos. Vamos renunciar aos sonhos e ideais? Vamos aprisionar o humanismo? Vamos soçobrar às nossas mazelas? Vamos trair todos quantos abriram os caboucos e assentaram os pilares da condição humana? Não há mais forças, estímulos e obrigações no nosso fracasso? É verdade factual que não somos ainda humanos. Mas, ao assumir esta postura, somos quase humanos. Somos imperfeitos? Sim, há em nós muito por fazer! Já não praticamos a antropofagia como os nossos antecessores primitivos; só que, alerta Manuel Bandeira (1886-1968), “não ser canibal não significa não pensar canibal”. Ao alimentarmos as desproporções sociais estamos a aumentar as bandas da fealdade, a afiar as garras amargas da necessidade e a alargar as margens que nos afastam do belo e justo.

Por mais luz que seja derramada sobre as trevas, a era do breu nunca desaparece de todo; e, por vezes, ressurgue com toda a sua escuridão e brutalidade. Como que a dar razão à desolação de Jorge Luís Borges, ao ouvir dentro e fora de si vozes de penúria e insuficiência e constatar que os actos atraíam a consciência adormecida: “Caminho com lentidão, como quem vem de tão longe que não tem esperança de chegar”.
Todavia não dispomos de alternativa, nem podemos ficar tolhidos pelo desapontamento e desilusão. Mesmo sendo desigual a luta contra o poder de fogo das grandes redes de comunicação de massa, o labor de cada um soma-se ao de muitos viciados em esperança. O pessimismo, a negatividade e a barbárie – esta hoje tão presente e crescente de uma forma assaz dissimulada! – não justificam a desistência; antes nos intimam a levar por diante a empreitada. Com o afinco e noção de quem olha para a frente e se vê muito distante do desígnio que para si traçou; mas também com o orgulho e encorajamento de quem olha para trás e vê quanto já andou, quão fundo e medonho era o lugar donde veio.

Não há, pois, outra via, a não ser perseverar em realizar a Humanidade. Cumpre-nos interiorizar e perfilhar o aviso de Eduardo Galeano: “Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para

mudar o que somos”. Não temos feito grande coisa, mas podemos tentar mudar. É isto que nos anima e exorta a seguir em frente na senda da ética e estética, da virtude e excelência, procurando iludir o negrume feio da noite com o canto efusivo do optimismo em cada dia.

Ademais a utopia tem uma paciência sem limites. Por isso ela é a prótese de que mais carecemos nesta hora escura. Precisamos de ser utópicos, mas não desesperados, nem sequer derrotados. Havemos de parecer e ser muito melhores, se hastearmos e honrarmos a bandeira da coragem, dos princípios e valores. E desmascarmos a hipocrisia e a dissimulação. Enfim, nesta era de mágoas, agonias e opressões importa escutar o Pe. António Vieira: “Cada um é as suas acções e não outra coisa”.

3. O Ninho do Pássaro e o prodígio do Homem³

A chama acendeu-se no *Ninho do Pássaro* e mostrou o Sol a romper a escuridão da noite, a trazer a claridade da manhã e inundar de luz e calor a jornada da Vida. O Pássaro e o Sol são o homem voador, de corpo, mãos e pés atados à gravidade do limo da terra, mas capaz de se dar formas de alma e, com as cordas e asas da vontade, sobrepujar o peso e indolência do mal, erguer anseios, angústias e apelos ao céu, levitar, subir e sobrevoar o cume da ética e dignidade. Da excelsa alegoria recebeu o Humanismo um impulso de renovação e encorajamento para denunciar e afrontar os fantasmas e horrores desta conjuntura de pasmo e desolação. Contrariando o império insano da razão tecnocrática, o Homem surgiu cimeiro. A coreografia, sincronia, suavidade e fulgurância de gestos esplendorosos, de cantos maviosos e figuras radiosas revelaram o filho do pecado redimido pela pureza da água, revestido da beleza da verdade, iluminado pelo fogo da civilização, a adquirir assim teor de Humanidade e levantar voo para o divino. Situaram-no acima da máquina, o humano à frente do tecnológico, os fins em plano superior aos meios. A técnica e a tecnologia não foram recusadas - longe disso! Foram, sim, postas no devido lugar, usadas em grau de apurada exigência e clarividente sabedoria. Afinal as proezas técnicas são fruto do engenho humano, logo não se sobrepõem ao Homem; este deve refulgir elevado sobre todas as suas criações.

O *Ninho do Pássaro* é um arroubo do assombro e deslumbramento. Na excelência estética das cores, dos sons, desenhos e confabulações, está a arte do detalhe de um ser minúsculo animado da propensão para

imaginar e assumir visões grandiosas. Um ser 'artístico' e cultural que inventa e se alimenta da matéria dos sonhos, símbolos e mensagens. Esse ser é o atleta que escreve, com a inspiração do querer, os versos do esforço, a tinta do suor, o estilo do rigor e a métrica da desmedida, poemas de louvor à perfeição. Cria graça e encanto; sublima o barro grosseiro em seda finíssima, delicada e macia. Sabe que chegou a hora de se reger; e que está por sua conta e risco, sem manual de instrução. Deus trabalhou com afã durante sete dias e deixou de propósito a obra incompleta para que o Homem fosse o visionário, o arquitecto, o sujeito e o realizador do oitavo dia da criação: o da conclusão do Seu projecto.

Durante algumas horas o mundo viveu uma configuração quase perfeita da magia e do encantamento. Não pela exibição do poder da força, mas por uma liturgia da leveza, singeleza, sensibilidade e harmonia oníricas, pelo saber e sabor dulcíssimos da comunicação e entendimento entre os homens. Eles vieram de todas as direcções, do Sul e do Norte, do Este e do Oeste; escalaram montanhas, atravessaram depressões, rasgaram trevas e abriram horizontes para ultimar a Torre de Babel e no céu estrelado pintar as telas e celebrar as bodas da família da Humanidade. Cantaram e dançaram como crianças feitas de fantasias e ideais que incendeiam a alma, enternecem o coração e humedecem os olhos. Apolo e Dionísio, Prometeu, Hércules, Buda, Lao-Tsé, Moisés, Cristo e Maomé surgiram irmanados. Auschwitz, Hiroxima, o Gulag e Munique foram exorcizados. A relação entre contemporaneidade e tradição, progresso e natureza, local e universal, estranho e familiar tingiu-se de equilíbrio e sintonia, não dando azo à crise e cupidez da desarmonia. O dragão não andou esquecido, mas a primazia foi para a pomba branca e refulgente da paz, a mais sublime e exaltante expressão da forma humana. Porque é a da suprema virtude do Homem: a humildade de respeitar e admirar os outros, próximos e distantes, de se espantar, inebriar e deslumbrar com as suas diferenças, grandezas e feitos. Confúcio bateu palmas e exclamou num rompante de contentamento: "Os nossos amigos vieram de longe, tão felizes que nós estamos!" Quando o estrangeiro vem até nós, é Deus que nos visita.

O *Ninho do Pássaro* reavivou o sentido da mensagem e colocou-o numa altura de obrigação e afeição conforme à do incitamento olímpico. Os mitos não são imaginados para serem descartados; pelo contrário, são criados para nos servirem de bússola e tentar-

mos viver de acordo com eles. Se os seguirmos, por certo seremos muito melhores e ajudaremos a tecer, a afirmar e colorir o prodígio e a maravilha do Homem, a fabricar outro mundo: o mundo do melhor de cada um, dos outros e de todos.

4. Balanço dos Jogos⁴

Os Jogos Olímpicos chegaram ao fim, deixando muitos desiludidos. Os primeiros são os que, durante meses e até ao último dia, se esfalfaram a criar um clima de desconfiança e depreciação da China. Viam polícias em toda a parte a impedir o mínimo espirro e invadir o silêncio dos pensamentos, a reprimir e prender tudo quanto mexesse; o ar seria irrespirável e a humidade insuportável, as marcas do horror e crueldade estariam em todo o lado e não sei quantas desgraças mais. Afinal o balão saiu furado; os chineses deram uma lição de sabedoria ao mundo em vários capítulos. Os Jogos de Pequim ficarão na grata memória de todos quantos se movem por valores, princípios, ideais e utopias para uma Humanidade estética e eticamente engrandecida.

Há mais desiludidos: uns por se reverem na mentalidade que só celebra o vencedor e põe em cima dos restantes o estigma de derrotado; outros por julgarem que um campeão olímpico se faz com a facilidade com que se inventam comentadores do futebol ou com a esperteza e a *dolce vita* da ética indolor que garante êxito nalguns domínios. Essa gente baixa e mesquinha, sem pudor, exigências e escrúpulos, quando escreve ou fala de desporto diz obscenidades: só devia ir aos Jogos quem tem hipótese de ganhar e não todos os atletas com condições para lá estar!

É verdade que alguém se enganou acerca do local e do momento dos Jogos. Pensou que eram em Lisboa e nas profusas entrevistas dadas a jornais, televisões e páginas cor-de-rosa. Mas aí não se forja a têmpera do vencedor olímpico. Os Jogos iam ter lugar em Pequim, no mês de Agosto. Era lá, no confronto com outros, que os desejosos de medalhas deviam demonstrar os seus méritos. De nada valia para isso andar, ao longo do ano, a juntar vitórias e proventos em sucessivos torneios e meetings, esperando a consagração olímpica como corolário natural dos sucessos anteriores. Os Jogos seriam a hora e a prova da verdade.

A fanfarronice e faramalha tiveram rédea solta. A incultura e ignorância ainda dominam e muito: Mourinho é o melhor treinador do mundo, Cristiano o melhor jogador, a Telma a melhor judoca, a Vanessa a melhor triatlista e por aí fora. São os

melhores, logo ganham com toda a certeza. Como se no desporto houvesse o melhor e não somente aquele que, numa dada prova, suplanta os outros, nada mais. E como se a vitória estivesse garantida por suposto merecimento e pelas marcas antes alcançadas e não pela prestação na competição em causa. Enfim o ovo já era certo, sem ter saído do buraco da galinha; e a pele do urso já era vendida, sem o animal ter sido capturado.

A folia excessiva do carnaval dá luto na quaresma e não ressuscita na Páscoa; festeja no mar e afoga-se à vista da praia. Não é assim que as medalhas vêm parar ao pescoço. Não foi assim que Rosa Mota, Carlos Lopes, Fernanda Ribeiro e Nelson Évora se coroaram de glória, mas com serenidade e rigor nas palavras e atitudes; souberam conter-se e aguardar o dia e lugar certos para então sim se excederem, saírem do comedimento e nos encherem de contentamento.

Percebe-se a decepção; dava jeito que o desporto adoçasse, mais uma vez, o estado de frustração nacional. Mas é soez, perverso e inaceitável crucificar atletas e dirigentes como bodes expiatórios do desencanto. A olimpíada que agora se fechou constituiu um ciclo de nítido avanço do nosso desporto. Com efeito o desenvolvimento não se mede apenas pelas vitórias finais; avalia-se também e sobretudo pelos êxitos logrados no percurso. Ora este ciclo olímpico alargou em muito a nossa valia desportiva: cresceu o número de atletas e de modalidades e subiu o nível de resultados com acesso aos Jogos, elevou-se a competência dos técnicos, melhoraram os apoios, limaram-se arestas na cooperação, ganhou-se uma consciência mais apurada da necessidade de disponibilizar no devido tempo os meios necessários, conjugaram-se vontades e recursos científicos e laboratoriais para o controle do estado e evolução do treino e ficou provada uma elevada proficiência neste domínio. Por tudo isto nem o governo nem, muito menos, o COP podem ser alvo de censura. Ao invés, é justo reconhecer que, nesta olimpíada, o COP atingiu um notável índice de vitalidade e relevância. Outra é a visão de vampiros, abutres e necrófagos sempre à espreita.

5. Fados e desgarradas⁵

Coitados dos administradores de bancos e afins afo-

gados em fraudes e falências! Dão entrevistas em páginas dos jornais, bem como em canais de rádio e televisão. Foi tudo simples e transparente; enriqueceram da noite para o dia, sem cometer qualquer ilicitude; o dinheiro veio de todos os cantos ao seu encontro, soprado pelos ventos do trabalho virtuoso, inteligente e honrado. Ainda se fazem milagres!

Mas agora estão em apuros e vivem dificuldades. O quadro é pungente e a torrente de lágrimas da sua ingenuidade e inocência inunda a nossa profunda compaixão. Atrevo-me a apelar à tradicional solidariedade dos adeptos do futebol: vamos todos depositar um Euro, só um, numa conta aberta a favor destas indefesas vítimas da maldade e indiferença da liberdade e desregulação do mercado?!

Olho a teia dos negócios e da política e os seus senadores e, não sei porquê, vem-me à memória o conto *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*. Vou relê-lo, para ver se percebo melhor. Mas...será ainda esse o título do conto? A quadrilha terá só um chefe e aquele número de larápios?

Nas Ciências do Desporto ocupamo-nos a estabelecer, entre outros assuntos, o perfil do atleta com sucesso. Há estudos na matéria e até já há quem tente manipular a genética para produzir, por encomenda, os futuros campeões. Ora cuidava eu que íamos na vanguarda; mas que grande desilusão! Afinal na política estão muito mais avançados; o segredo foi a alma do negócio. O que mais se vê são políticos de sucesso nesta era de mercado neoliberal. Mas ninguém nos diz explicitamente quais são os traços marcantes do seu perfil de ganhadores. Gostava de saber se a ética, a decência, a transparência, a rectidão, a nobreza de carácter, a honra e a decência contam para alguma coisa. Por favor, não há por aí alguém que me tire do estado de desengano crescente?!

Resta exclamar como Sá de Miranda (1495-1558): “M’espanto às vezes, outras m’avergonho”.

¹ Texto escrito em 24.07.2008.

² Texto escrito em 31.07.2008.

³ Texto escrito em 08.08.2008, após a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim.

⁴ Texto escrito em 28.08.2008.

⁵ Texto escrito em 27.11.2008.